



Quinzenario Humorístico e Literário

DIRECTOR E EDITOR,  
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,  
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO—A. Faria.

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE «A Sentinela»

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
Rua de Camões, 55 ☉ Typ. Minerva Vimaranesense

COMPOSTO E IMPRESSO NA

I ANO Guimarães, 29 de Outubro de 1916 NUMERO 3

## No Parlamento Bairrista

—*Vozes:* Deixa-te de modestias, menino.

—*O orador:* Não é modestia, não!

E', infelizmente, a nudez forte da verdade sem... o manto diaphano da phantasia!

(*Uma voz:*) Essa phrase não é de vossa excellencia! E' descaradamente surripiada do Eça!

(*O orador vermelho como o tomate maduro e escamado como uma barata:*)

E vossa excellencia tem alguma coisa com isso, sua cavalgada?!...

(*A mesma voz:*) Cavalgada, será elle; sua besta!...

(*O presidente*) Peço aos illustres deputados que tenham mais relevo na lingua.

*O orador:*

Sim, snr. presidente e illustres collegas meus, eu não sou um orador, nem jamais soube fallar ás massas...

Apresentei-me, é certo, quando tenro infante, uma vez em publico, para recitar uma poesia,

que o seu auctor e hoje meu dilecto amigo, snr. padre Gaspar Roriz, com um trabalho insano me metteu a pico na granitica cachimonnia.

Desculpae-me, pois, e favorecei-me com a vossa ausencia, digo, com a vossa generosidade jamais desmentida.

Principio:

(*Na sala faz-se um silencio profundo. Não se houve o zumbir d'un mosquito.*)

*O orador todo theatral e numa voz frei manuelica.*

Justa supplica!

Até parece latim, pois não é verdade?

Não, não é.

E' simplesmente um pedido feito aos senhores da commissão de melhoramentos na Penha, para que, d'aqui para o futuro, jamais voltem a abusar do cimento naquelle formosissima montanha, a mais bella e pittoresca do coração do Minho, no dizer auctorizado do nosso saudoso Padre Antonio Caldas.



*O sr. presidente:* Tem a palayra o snr. deputado \*\*\*.

—*O sr. \*\*\*:* Eu desejava, snr. presidente, possuir a eloquencia de Demosthenes ou d'outros vultos gigantes na arte de bem fallar, para, neste momento, tratar com brilho superior

ao da *Pomada Amor*, o assumpto a que me proponho. Mas, infelizmente, não possuo dotes oratorios; a minha imaginação é escassa e pauperrima a minha bagagem litteraria.

Não ides, pois, escutar um Demosthenes ou um Cicero, mas tão somente ouvir um sêmsaborão, que, se ousa levantar aqui a voz, é unicamente para se não dizer lá fora, que sou, como tantos outros, um verdadeiro *pato mudo*.

Camisas e gravatas — Casa Elegante  
Antiga Chapelaria Martins



Sim; tanto cimento é demais!  
(*Apoiados.*)

Aquellas applicações de cimento, aquelles *fungimentos*, que não fingem coisa nenhuma, são detestáveis e denotam a mais absoluta ausencia de bom gosto artistico!

Haja em vista o que fizeram em volta de *Lourdes* e na reconstrucção da gruta chamada de *Nossa Senhora da Penha*.

(*vozes:*)—Muito bem!

O orador: Muito bem?! Ora essa!.. Muito mal! digo eu.

Aquillo é um horror!..

O altar, todo feito de granito, está, na verdade, admiravelmente concebido, artisticamente deleniado, merecendo, por tal motivo, as nossas homenagens, as nossas sinceras felicitações, o auctor intelligente de tão bem architettato projecto! (*Muitos apoiados.*)

Mas o resto da obra, que está simplesmente detestavel, denota ter sido gizada por outra cabeça nada entendida em coisas d'arte!

Sim, meus senhores! Vê-se immediatamente, logo á *primeira vista*, não ter sido aquella reconstrucção guiada até ao fim pela mão do mesmo mestre! (*Apoiados geraes.*)

Mas, como o que não tem remedio, remediado está por natureza, por aqui me fico a respeito d'aquella pessima reconstrucção; promettendo, todavia, que, d'aqui para o futuro, hei-de berrar, gritar, protestar, emfim, contra todo aquelle que se metter a tocar rabeção sem perceber potavina d'aquella *musica*...

—(*Vozes:*)—Apoiado! Apoiado!

O orador: Muito agradecido! Sim; sem o meu solemne protesto é que não passam. Sem o meu e dos meus illustre collegas, incluindo o dos snrs. correspondentes d'esta cidade para os diferentes jornaes do paiz. Até o solicito do *Janeiro*, ha-de pôr de parte os *lambedores* para equal-

mente molhar a sua sopa. (*Risos.*)

Ou fazem coisas de geito e merecerão os nossos applausos, os nossos encomios, ou teremos o caldo entornado e levam para baixo sem dó nem piedade.

Isso é que levam!

E a proposito: O que nos dizem vossas excellencias a respeito da arborisação?!

Elles lá veem... Elles lá veem com a treta do costume...

Já sei; eu sei perfeitamente que o terreno não pertence só á irmandade

Mas, que diabo!..

O *snr. presidente*: Lembro ao illustre deputado, que essa palavra não é parlamentar. Convido, porisso, v. ex.<sup>a</sup> a retirala.

O orador: Está retirado o diabo.

Sim, era precisamente ahi, ahi mesmo, que se desejava ver a habilidade do artista, ou dos artistas: pedindo, rogando, supplicando até, aos snrs. proprietarios, para que permittissem, se o não quizessem fazer por conta propria, a plantação de arvores nos seus terrenos.

(*Vozes:*)—Muito bem! Muito bem!

Dizem que sim; dizem, dizem...

Elles não são assim como vossas excellencias os querem pintar...

Eu creio bem, que elles de bom grado mandariam semear pinheiros e plantar: carvalhos, castanheiros, eucalyptos, olmos, platanos etc. etc.

Cyprestes é que talvez não mandassem plantar *muitos*, para não dar á *paysagem* um aspecto funebre ou a impressão d'um cemiterio...

(O orador fitando os olhos no tecto e num grande vôo rethorico:)

Como a Penha seria linda! Como a Penha seria deliciosamente bella e encantadora se ali se vissem muitas e muitas arvores!

E com que prazer lá se devoraria um frango assado, ou um

coixão d'anho, sob a sombra protectora d'uma carvalheira amiga!

(*As galerias ouvindo fallar em comezaina:*) Apoiado.

(O presidente agitando a *compainha*:)

O *galinheiro* não pode abrir o bico; não pode metter prego nem estopa. Se continua, mando evacuar... E vossa excellencia, apenas tem um minuto para terminar o seu discurso.

O orador *cançadissimo*.

Vou terminar *snr. presidente*, não só por que estas lembranças me fazem crescer agua na bocca, mas tambem por entender, que não tenho direito de me alargar em mais considerações, abusando da paciencia de v. ex.<sup>a</sup> e da dos meus illustres collegas, que tão religiosamente me escutaram, o que sincera e commoivamente agradeço.

Peço apenas mais um momento para impingir a girandola final.

*Vozes:* Falle... Falle...

O orador:

E vós, illustres membros da commissão de melhoramentos na Penha e mais *irmãos* da irmandade, desculpa, perdoae, não leveis a mal estas *settasinhas*, que apenas teem um fim em vista: incitar-vos a continuar na obra a que tão entusiastica e patrioticamente vos votastes—*O aformosamento da nossa querida Penha.*

Tenho dito.

*Vozes:* Muito bem! Muito bem!  
(O orador, que suava em bica, foi muito cumprimentado por todos os bairristas da cidade.)

\* \* \*

«A Sentinela» encontra-se á venda, no Kiosque do *snr. Torquato Gonçalves*, ao Passeio da Independencia.

*As senhoras devem trajar de preferencia os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo—Tailleur da Avenida—GUIMARÃES.*



## Da minha quinzena...

Ha dias, ao passarmos *pela elegante e airosa avenida Candido dos Reis*, um carrejão que transportava uma mala, muito arreliado, cantarolava precisamente estas quadras que as registamos no nosso livrinho de apontamentos.

Ora conforme o homemsinho as ia cantando, nós iamõs apontando-as fielmente; como teem graça e não ofendem a *santa moral*, ei-las, leitores amigos, e digam-nos se ele tem razão ou não:

—Oh que vida desgostosa,  
A vida dum carrejão!  
Cai aqui, cai acolá;  
Anda sempre pelo chão!

Em que estado miseravel  
Não se encontra esta avenida!  
Dá-me cabo dos canastros,  
Dá-me cabo cá da vida!

Com os calos nos meus pés  
Mal eu posso caminhar,  
Em terreno seguidinho  
Tenho sempre de parar.

Numa estrada como esta,  
Toda cheia de barrancos,  
Ando sempre aos encontrões,  
Como os soldados em Tancos!

Berram disto as gazetas;  
O Estado não quer saber;  
E mal de quem necessita  
Duns vintens para comer!

Anda a gente todo o dia  
A cair aos trambolhões,  
Por causa desta avenida,  
Por causa dos seus mandões!

Oh que vida miseravel,  
A vida dum carrejão!  
Cai aqui, cai acolá,  
Com o costado no chão!

Oh que maldita avenida,  
Que mal posso caminhar!

(Nesta altura o carrejão  
tropeça e dá com os costados no chão.)

Quer passar por minha cama,  
Para nela me deitar...

(Depois de se erguer:)

Uns *rais* partam a avenida,  
E tambem os seus mandões!  
Ha de ser a minha morte,  
Mórte só de trambolhões!

No proximo dia 5 irá, mais uma vez,  
o pobre Zé que tudo sofre com paciência, resignação e cara alegre, triunfar, isto é, deitar *figura*. O nosso Zé vae

ás urnas eleitoraes, e por isso tem direito a umas cantiguinhas, para cantar, ao pino do meio dia, nos campos, ou nos amanhos de casa.

Canta, Zé, que logo bebes:

Anda o povinho a pensar,  
Cheio de consumições:  
Por causa do tal carneiro  
Que se dá nas eleições!

Carneiro com batatinhas,  
Com fartura o vai haver;  
E promessas de latadas  
Bastantes se hão de fazer;

Uma estrada para aqui,  
E para alem um carreiro;  
Muitas rendas não se pagam  
Por causa do tal carneiro!

Carneiro com batatinhas  
Nesse dia hei-de comer:  
Ou não fosse um eleitor  
Mesmo sem eu saber ler...

ZÉ NINGUEM.

## A fio de espada

O que o gabo faz

OU

A cabaça e a menina

UMA noite, numa seroada pacifica e amena, em casa da snr.<sup>a</sup> X, encontrava-se, por acaso, uma menina tenra, de olhar guloso, que com o seu aguçado e traveso espirito fazia abrir em sorriso, as boccas pequeninas das companheiras que a escutavam. Recitou, com destemperados manejos de braços e cabeça, a lagrima e o melro, e um bom naco da «Ceia dos Cardiaes»

E depois de fazer um elogio encomiastico e amigo, em prosa succulenta e muito adocicada de adjectivos a uma amiga que tocava muito bem piano com uma mão só, (filha de peixe sabe nadar) deu-lhe na bola para fazer a seguinte charada novissima, dedicada á grande amiga a quem fizera o elogio.

Na estrada, ella é, quando suspende, uma sublime cantora da arte rimada

—I—I—I—

E' desnecessario dizer que ninguém decifrou. Todos, de bocca aberta, esperavam que a autora lhes satisfizesse a grande curiosidade que produzia já uma formigueira impaciencia.

Depois de muito instada principiou a esclarecer:—Na estrada —pó—ella é—é—pó—é—quando suspende—tá—pó—é—tá.

Uma sublime cantora de arte rimada—Poeta.

Ora ahi está a grande difficuldade.

Todos abriram mais a bocca, e disfarçaram por entre applausos, as gargalhadas de clara satisfação.

Ella tomou o caso a serio, e a outra, vendo o seu talento exaltado, julgou-se poeta, e toca a poetar a valer, para que o seu merito subisse alto e a sua distincção entre as mulheres de fino escol fosse flagrante.

Já se distinguia, pelo seu desprendido porte, pelo airoso manejo do braço direito e pequeno arqueamento da cabeça sobre o seu pequenino corpo de esbelteza máscula.

Já se distinguia, não sendo portanto necessario distinguir-se mais.

Quiz poetar, a distincção subiu...

E ella sempre pequenina; pelas ruas, a saltar, parece um rapaz a fugir.

Não tem escrupulos nem vaidades, diga-se em abono, porque estamos certos de que se um dia lhe der para vestir umas calças e pegar num pingalim ou bengala, é menina para isso.

Depois, heis o homem perfeito.

Para esse sexo, já puxa ha muito, mas falta-lhe uma coisa: —calças e bengala.

Nada mais. O resto já usa.

Como tinha *Genio*, passado tempo, o primeiro trabalho que apresentou ás suas amigas, e que não deixou publicar devido á sua modestia, foi uma obra de folego, um empolgante trabalho de grande intensidade poetica—um poemeto (ou coisa semelhante, não

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido

CASA ELEGANTE



podemos precisar) com moralidade.

Com moralidade!

Podia estar contra todas as regras; enredo pouco claro; muito quebrado de versos e coixo de sentido; mas o que garantimos é que tinha moralidade.

E hoje em dia, meus amigos e leitores, a moralidade deve entrar em tudo, porque faz bem, assim como não faz mal, neste tempo de descrença, o arroz com *bispo*.

O título da obra era suggestivo e cahiu-nos cá no goto: *A cabaça*.

Apresentemos em synthese, para esclarecimento, o enredo e a moralidade da obra.

Um petiz, manifestou ao pae desejo de possuir uma cabaça (forte e original desejo) e depois de muita perrice e chôro, o pae, como tinha seu dedo para a pintura, arranjou um esqueleto de madeira, cobriu-o de panno, deu-lhe uma borrada sombreada, e fez uma cabaça enquanto que o diabo disse ovos. Não sei se o pae metteu dentro da cabaça alguns guisos. O poemeto neste ponto não é explicito.

O que é certo é que o petiz, um dia, tentando vêr o que a cabaça continha, (curiosidade de rapazes) apertou-a contra o peito, e grande desilusão! viu-a achatar-se ao primeira aperto, e dentro... nada.

Engano! Mistificação!

Depois vem a moralidade chata da tabua de S. Braz.

Principia: Assim, não vos deixeis fiar em apparencias, (parece referir-se aos homens) porque muitas vezes, quando abraças alguém, a desilusão é por vezes certa, ao vêr-se que o que abraças é postiço e falso.

Ora sempre lhes dizemos que este recheio todo, posto em *arte rimada*, é de empanturrar.

E mais lhes dizemos que a coragem d'esta *poeta* é para admirar, porque vem sem rebuços nem medos defrontar-se com todas as irmãs do sexo, apontando-lhes os pontos mais fracos e falhos,

onde os postiços poem salientes contra-fortes.

E avisa: não vos fieis em apparencias.

Se apertaes muito uma mulher, soffreis a mesma desilusão que soffreu o petiz, pois julgando que abraçava uma legitima cabaça, teve o desgosto de verificar a falsidade d'uma encantadora apparencia.

E são assim as mulheres, minha senhora e *poeta*, apparencias tão falsas que enganem tanto um homem, e capazes de tanta mystificação e engodo, para os levar num tentamen, aliás desculpavel, a tropeçar na rede?

Não é demasiada cruel?

E' bem certo, minha *poeta*, desculpe que lh'o digamos, que todas as mulheres desdenham, d'aquillo que as outras com pompa e vaidosamente ostentam.

V. Ex.<sup>a</sup> não tem... Não quer usar postiços...

Se podessemos ir mais longe!!!...

E se houvessemos á mão a tal obra?!

O que aos leitores e amigos garantimos, é a veracidade de tudo quanto deixamos dito.

Se a *poeta* quizer mandar-nos *qualque chose* da sua lavra, mesmo em arreganhado desafio contra as taes que usam enchumaços, mande, porque tem esta secção ás ordens.

E é a *fio de espada*.

Tanto talento por ahí perdido... *Poetas, Pintores, Pianistas*...

Abençoado torrão!

B.

## CINEMAS

High-Life e Chantecler

Hoje uma das melhores fitas da actualidade

O Comboio Real

4 partes — Serie d'ouro

## Nada de faroquice

*A Sentinela* é, ó por enquanto, o jornal de menor circulação cá na terra, mas se continuar a ser tão carinhosamente acolhida como tem sido até hoje, não levará muito tempo que passe a perna e o pé aos seus presados collegas da imprensa vimaranense, incluindo o seu decano, o destemido velhinho *Commercio de Guimarães*.

E já que fallamos em collegas. A todos, mais uma vez, os nossos sinceros agradecimentos pelas palavras amigas, que nos dirigiram por occasião da nossa *delivrance*, ou seja: do nosso feliz bom successo.

## Ridendo corrigo mores

Eu cocei, é verdade que cocei bastas vezes as répas do tontico, para vêr se encontrava algum derriço lindinho e seductor como encontrei.

E, tendo-o, agora vôo a mais alturas: tento trocar namoro em casamento, porque já li que a vida é um momento e não vá eu morrer inda ás escuras!

—A época que é fraca, tudo caro—alguem me disse; p'ra isso não reparo... mais cara ou mais barata, tanto monta,

Porque se caso é com o fito feito de tosquiar ao sógro o que tem geito e á filha o que estiver em melhor conta!

ADOLFO FOSCÔA.

## VIMARANENSE

Passou ultimamente o primeiro aniversário deste nosso presado colega local.

Embora um pouco tarde, enviamos os nossos parabens, desejando-lhe uma longa e prospera vida.

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegância e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida".

**Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES**



## Cartas para longe...

(Para o Albano Mota Guedes)

## II

MEU caro amigo Albano: — Havendo prometido

Mandar-te outra missiva em 'stilo arrefecido,  
Minha palavra cumpro. Envio-te estes versos  
Que tratam de impressões, de uns assuntos diversos.  
Com arte, musicais, por certo não serão:  
São versos de rimar, feitos por minha mão.  
São versos, ou por outra: umas linhas compridas  
Que quem as fitar bem, atenciosamente  
(Compreendo-o eu e tu, compreende-o toda a gente),  
Dirá, e com razão:—Que linhas mal medidas?!  
As linhas desiguaes são *coisas*, afinal,  
Que faz qualquer sujeito e as manda p'ró jornal,  
Engrandecendo tudo: o vento, a chuva, a terra,  
A ovelha e o pastor, o tojo e mais a serra,  
O Sol, a lua, o mar e a rocha de granito,  
As arvor's e a campina, as aves, o infinito;  
O todo da mulher: o seu olhar infindo,  
O cabelo e a mão, o porte altivo e lindo,  
O seio entumecido, as ancas bem talhadas,  
Lábios, cinta e mais, as faces bem caiadas,  
Os dentes de coral (vê lá como isto é!);  
Depois de descrever o pequenino pé,  
Termina sempre assim:  
Anjo! Deusa! Esperança! Oh Ninfa! Oh Querubim!  
Diva dos sonhos meus! Oh Fada apetedida!  
Deidade! Serafim! Vida da minha Vida!

Ora aqui tens, amigo,  
Das linhas a expressão. Tu concordas comigo.  
Dizem tanta lamuria os vates (os que são)  
A' sua deusa linda (às vezes um peixão!),  
Que uma pessoa ao ler aquelas trapalhadas,  
Deita as mãos a cintura e ri às gargalhadas,  
Prevendo um triste fim, mais tarde, uma má sina,  
Ao vate inspirador que, se a linda menina  
Dele não fizer caso ou dele não gostar,  
Doido, louco, lá vai a morte procurar...  
(Destino fatal! raro!!)  
Com lumes de acender a ponta dum cigarro!!

.....  
E nada mais. Adeus.  
O inverno já é perto.  
Recomenda-me aos teus.  
Amigo velho e certo,

Guimarães, Outubro de 1916.

LEÃO MARTINS.

## Em Foco

EM virtude de sermos obrigados a conceder meia duzia de dias ao nosso photographo para ir veraniar até á Povoia de Varzim, não podemos publicar neste numero esta seccção, pelo que pedimos mil desculpas a V. Ex.ª.

A Redacção.

## Plebiscito de "A Sentinela,"

(a concurso)

## CONDIÇÕES

1.ª—Serão publicadas quinzenalmente as respostas ao plebiscito em concurso.

2.ª—Depois de publicadas todas as respostas, serão as mesmas submetidas á apreciação dos nossos estimaveis leitores, afim de nos emitirem o seu voto sobre a melhor das produções.

3.ª—Ao autor que obtiver maior numero de votos ser-lhe-ha conferido, como brinde, um premio que oportunamente se anunciará.

## O QUE É A SAUDADE?

RESPOSTAS

I

## A SAUDADE

(á Saudosa L. M.)

Irmã gemea do amor, como a mãe dela nasceu junto com ele dum olhar feito de sonhos faceis de explicar a quem já lhes sentiu a trama bela;

Filha dum beijo só, teve o sorriso como magica herança paternal, e dos peitos da mãe que aqui diviso tomou por leito as lagrimas do mal.

Ela seduz e prende, fere e mata, eleva e vivifica a imagem grata, alenta os corações no extertor;

Prisma duma secreta divindade por onde se vê com mais claridade a Patria, ais de Mãe, olhos de amor!

R. ESTEVES.

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE

CHAPELARIA MARTINS



## II

A Saudade, filha do amor e da Ausencia, é a mãe do Desanimo, a irmã da Incerteza...

Sente-a o soldado na guerra, suporta-a o bandido no cárcere, sofre-a o politico no exilio, tem-na o emigrante infeliz que, lá nas longiquas paragens de além-mar, entre cruéis desenganos, recorda com tristeza a sua casinha branca, a torre da sua aldeia, a sua santa mãisinha, que elle vê ainda debulhada em lágrimas como na hora da partida.

O que é a Saudade? é um axioma.

Pois quem ha aí que nunca a haja tido?!

Quem ha aí que não saiba o que são recordações dos tempos idos de criança, dum ente querido que morreu, da mulher que se amou ou dum filho que partiu?!

Ah! Com que Saudade eu lembro aquella cadelinha perdigueira, que me fugiu ha seis mezes e que nunca, nunca mais voltou a entrar-me em casa!...

PIR AMBULA.

## O QUE É A SAUDADE

## III

Saudade é uma balada de amargura,  
Saudade é a dôr que fere o coração,  
Saudade é a dôr que a alma nos tortura,  
Saudade é o dogma eterno da paixão.

Saudade é um sentimento bem amargo,  
Saudade é a Esperança dum novo porvir,  
Saudade nos colloca num lethargo,  
Saudade eternamente faz sentir.

Saudade nos relembra com prazer  
Momentos de alegria, paz e amor!  
Saudade, o soffrimento vem trazer

Ao coração desfeito pela dôr!  
Saudade reina sempre até morrer  
No peito que amar sabe com fervor!

Outubro, 1916.

SEGREDO.

## IV

Saudades são amôres que num dia se desfolharam... almas e corações que breve se fanaram... saudades são Ausencias, são outomnos e poentes... bellezas que num extasis se desejaram e que morreram ou não puderam ser alcançadas...

X.

(Continuará no proximo numero.)

### Ainda e sempre o relógio da Basilica



(O relógio com corda e sem ponteiros; cliché do distincto amator, Ex.<sup>mo</sup> Snr. Souto Junior.)

AGORA parece que sempre vae!

D'esta vez parece que sempre é certo!

Tudo se prepara para que no primeiro de janeiro proximo, comece a funcionar na torre da igreja de S. Pedro, aquelle celebre relógio com três mostradores, de que lhes vimos falando com tanto entusiasmo desde o nosso primeiro numero.

A confirmar-se o que por ahi corre de bocca em bocca, teremos uma festa rija, uma festa teza, uma festa de alto-lá com ella, como se costuma dizer.

E é justo; muitissimo justo! Seria uma ingratição sem nome, deixar no olvido tão grandioso acontecimento!...

Vamos, pois, ter uma festa de arromba! Uma festa de se lhe tirar

o chapéu! Só á porta da casa do iniciador e promotor da subscrição para a compra do relógio, ali ao principio da Caldeirão, hão-de estacionar, a pé firme, três philarmonicas, as quaes, durante três dias e três noites, bufarão as melhores peças do seu batidissimo repertorio... Até asaudosa *musica de rua de Couros*, com o seu *harmonioso* e impagavel **trré, trré**, sahirá da tumba para vir tomar parte no imponente e magestoso certamen!...

As iluminações, que causarão pasmo, serão deslumbrantes, fericas, devido á reconhecida generosidade do Jordão — o felizardo proprietario da Fabrica da luz electrica d'esta vetusta madrastra chamada *Vimaranes*!

Dois colossaes *panelophotes*, de poderosissima força illuminante, collocados no ultimo andar do predio do menino... Luiz Gonçalves Bastos, illuminarão á *giorno* a capellinha de S. Roque, deixando ver, *por um occulo*... lá muito ao longe, por entre um frondoso arvoredado, numa linda propriedade optimamente comprada *adrede*, um elegante *chalet*, estylo suizo, que um bemquisto e feliz negociante, animado pelo mais encendrado patriotismo penhaceo, jáli mandou construir, concorrendo assim para o aformoseamento da admiravel serra de Santa Catharinal

E como não estamos na Lapinha, não haverá bonecos de fogo, mas os foguetes de lagrimas só terão interrupção, quando uma mirabolante e phantastica girandola, ultima palavra da pirotechnia, annunciar aos vimaranenses e illustres forasteiros que o festival terminou, terminando com elle a grandiosa festa da inauguração do maior melhoramento dos tempos modernos na velha Guimarães!—**O relógio da torre de S. Pedro!**

Nesta altura, isto é, ao arrebenstar da girandola, o delirio apoderar-se-ha da alma popular e a multidão enthusiasmadissima romperá por *entre o povo*, em vi-



brantes saudações ao promotor de tão útil e apreciável melhoramento.

Viva!... Viva!... Viva!...

E o echo repetirá ao longe:

Viva! Viva! Viva!

E elle, o nosso querido e affectuoso amigo, o nosso presado conterraneo, que estas graças perdôa, impellido pela velha *troupe*, apparecerá, então, á varanda e, algo commovido, agradecerá com um terno e meigo sorriso tão expontanea e pyramidal apothese!

E o dia 1.º de janeiro de 1917, ficará gravado em letras de brilhantes... beras nas paginas dos *zimbórios* de Guimarães!

## Respostas ao inquerito

### II

«Qual será preferivel vir ver na cidade ou na aldeia?»

**DIREI:** Conforme.

Para aquelles que, sempre alegres e risonhos, trilham o caminho da suprema Felicidade, isto é, que vêem sempre ante seus olhos a luz bendita da Esperança, deve ser preferivel a vida na cidade.

Alli encontrarão todás as distrações necessarias ao seu viver sempre feliz; poderão com muita mais facilidade dar expansão ás suas alegrias; emfim, alli, verão sempre a sua vida dominada pelo prazer.

Para aquelles que, arrastados no meio de chimericas illusões, veem, á mercê do acaso, trilhando um caminho cheio de espinhos e abrolhos, de desgostos e torturas e que passam os dias soltando lagrimas de dôr e sentimento, deve, no meu entender, ser preferivel a vida na aldeia.

E', sem duvida, aquelle o logar mais afavel, onde melhor poderão carpir as suas maguas e recordar, embora com profunda e

amargurada saudade, doces reminiscencias do passado.

Eis pois, a minha modesta opinião sobre o vosso inquerito.

Guimarães, 1916.

MARTYRIO.

## Noticias da Guerra

A' Sociedade Protectora dos Animais foi cedido o edificio da Cadeia Nova para alojamento dos cãesinhos e gatinhos pertencentes aos alemães que foram concentrados na Terceira.

Na madrugada de quinta-feira passada appareceu no Selho, proximo ao cais da Pisca, uma grande flotilha de submarinos alemães.

Dois dêles levaram o seu arrojao ao ponto de subirem o rio do Campo da Feira, mas perseguidos por um troço de policia commandado pelo 10, que merece a gratidão de todos os vimaranenses, depressa se fizeram ao largo.

O 10 foi agraciado com a medalha de cortiça da Ordem de Klister.

## Carta a um pai

Com este titulo, recebemos uma circular que o Conselho de Assistencia Escolar fez espalhar pela cidade, lembrando o dever que a todos cabe de mandarem seus filhos á escola e mostrando as penalidades applicaveis aos infractores.

Esta carta, escrita num estilo de facil comprehensão, trouxe-nos á mente duas ideias bem diferentes.

Uma de lástima, pelo portuguezissimo costume de ameaçar em vão, quando era tão salutar a applicação das penas expostas, e outra de simpatia, por vermos a Mulher, no bem cabido papel de educadora, representada nessa Commissão.

## Três de cada vez

Num exame de Historia.

*O examinador:*

—Ora diga-me, snr. estudante; em que factio historico do seu conhecimento desejaria ter tomado parte?

*O examinando:*

—No rapto das sabinas, meu senhor.

*O jury entusiasmadissimo com a resposta do esperançoso mancebo:*

Muito bem! muito bem!

Approvado com 18 valores.

\*

Numa photographia cá da terra:

—Peço-lhe, minha senhora, que tome uma expressão agradável...

Um... dois... três! Muito obrigado a vossa excellencia, já pode tomar a sua expressão habitual, minha senhora.

—Boa piada, snr. Carvalho!

\*

—A toda a gente fazes versos menos a mim, dizia D. Maria da Soledade, ao marido. Vamos a ver ao menos como farás o meu epitaphio, quando eu morrer.

—Oh! filha, que tristeza de assumpto! Pelo amor de Deus, não penses n'isso!

—Qual historial! Quero dar-te coragem, começo:

*Aqui jaz Maria da Soledade...*

Elle, inspirado pelo instincto de poeta ou de marido:

*Prouvera a Deus que fosse verdade.*

## A' ULTIMA HORA

S. Nicolau

Parece que a Academia Vimaranense está animada da melhor boa vontade para realizar este ano as tradicionaes festas Nicolinas.

No proximo numero referir-nos-hemos ao assunto já que hoje o não podemos fazer por falta de espaço.

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante

Concerta-se e faz-se por medida

Passeio da Independencia—Guimarães



## SECCÃO LITERARIA

## Recordando...

Para os que vivem envoltos na desolação  
Na vida ha tambem momentos de ventura,  
Embora após, arrastem consigo a illusão,  
Tristes recordações, a dor e a amargura.



por experiencia propria  
que assim escrevo.

Tenho trilhado e continuo a trilhar a vertiginosa estrada da Desventura e do Sofrimento!

No entanto na aldeia, onde tudo é paz e amor, onde logo ao despontar da aurora, as avesinhas soltam pelo ambiente perfumado, os seus doces madrigaes, onde ha scintillações de amor e poesia, já tive um desses momentos em que o meu pobre coração opprimido pelo doloroso pesar que me invade e constantemente atormentado pelos flagellos da amargura, sentiu-se dominado pela Felicidade!

Foi num lindo e risonho dia de outono!

O sol derramava sobre a terra os seus raios coruscantes!

No limpido firmamento nem um farrapó de nuvem se divisava!

Encontrava-me eu então, num dos logares talvez mais apraziveis deste nosso minho cheio de encantos.

Era uma pequena *Insula* no meio d'um rio, coberta d'um extenso tapete de relvados e assombreada por frondosos arvoredos.

Como se estava bem naquelle pequeno mas sublime *Paraiso*, onde o silencio nos convidava a recordar doces remeniscencias do passado!

Como eu sentia minha alma elevar-se nas asas dilectas da

Felicidade e alcançar as ignotas regiões do Prazer!

Como eu sentia em meus labios brincarem os sorrisos meigos da Esperança!

Como de meus olhos, ainda ha bem pouco marejados de lagrimas, via brotar em vibrações de amor, a luz bendita da desillusão!

Quam feliz me senti naquelle momento tão supremo!

Sentado sobre uma porção de branca areia, eu escutava o suave marulhar das aguas, o chilrear das avesinhas e o meigo ciciar da branda aragem, que no seu passar leniente, parecia trazer-me de bem longe todo aquelle prazer e ventura!

Sentia-me feliz. é certo; mas qual era a causa de tanta felicidade?

Qual o motivo porque vibrava no meu coração, o sentimento do bem e a expansão da alegria?

Ignorava!...

Percorri então as margens do rio, olhando as limpidas aguas onde o sol se vinha retratar!

Alonguei a vista até ao horizonte!

Observei as bellezas mais vivificantes d'essas paysagens campestres e em tudo eu parecia vêr sorrir-me a luz sacrosanta da Felicidade!

Mas, no entanto, por mais que meditasse não me era possivel descobrir a razão de tanta alegria!

Pensei por longo tempo, mas do meu pensamento apenas se apoderavam as mais sordidas illusões.

A noite avisinhava-se e já a lua de prata sintillava no azul do firmamento, coberto de rutilantes estrellas, quando eu, com o coração trespassado pela setta ephemera da saudade, me vi obrigado a abandonar aquelle formoso lo-

gar, onde me ficava o pensamento!

E assim, voltei ao hediondo sussurro da cidade, onde logo senti minar-me de dôr, a monotonia do meu constante soffrer.

Os momentos de supremo goso, haviam findado!

As alegrias de ha pouco, haviam fugido para bem longe nas azas chimericas do Sentimento!

Somente a saudade predominava!

E hoje ao recordar esse dia tão feliz e venturoso, sinto ainda amargas remeniscencias desses bellos momentos, passados entre illusões é certo, mas illusões que me proporcionaram talvez as horas mais alegres da minha vida.

Quimarães, outubro de 1916.

SEGREDO.

## ANCIAS

A' amizade leal de Arthur F. Freitas

Morreste lindo amor, meu bem alado...  
sonhei ditas, prazeres... tudo foi vão...  
Foi tudo nevoa, sonho desmaiado...  
Tudo morreu... somente o Pranto não!

Vi encerrar teus olhos de tristeza,  
—olhos lindos de Lusa singular—!  
Puzeram-te nas mãos, mãos de pureza,  
um Christo todo Amor, a perdoar!

Já no Poente o sol se diluia...  
em volta, tudo paz; só eu soffria...  
sonhei... sonhei e já não sei em quê...

Solucei... disse á Morta mil segredos...  
senti morrer a Fé... mas já teus dedos  
me apontavam o Christo:—espera e cre!

Santo Thyrso, Setembro de 1916.

P.